

 HARLEQUIN®

Sabrina®



Lynne Graham
MEMÓRIAS APAGADAS

____Sabrina®____

MEMÓRIAS APAGADAS

Lynne Graham



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Lynne Graham
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Memórias apagadas, n.º 1881 - fevereiro 2022
Título original: The Innocent's Forgotten Wedding
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-419-5

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

O coração de Milly acelerou de emoção quando viu o nome de Brooke no ecrã do seu telemóvel velho. Há muito que não sabia nada da sua meia-irmã famosa e sofisticada. Brooke costumava ter uma atitude fria e crítica com ela, mas sabia que, quando lhe ligava, era porque precisava dela. Gostava de sentir que precisavam dela e, no fundo, estava convencida de que a amava, mesmo que fosse demasiado orgulhosa para o reconhecer.

Se não a visse como alguém em que podia confiar, não lhe falaria dos seus assuntos privados. Além disso, só se tinham uma à outra. Não lhes restava nenhum parente vivo. E como a vida de Brooke estava devastada por causa do tirano possessivo com que cometera o erro de se casar, também não estranhava que precisasse dela. Que tipo de homem tentaria dinamitar a carreira da sua esposa? Que homem queria divorciar-se de uma mulher tão bonita e com tanto talento só por causa de um rumor de que o enganara com outro? Brooke dissera-lhe entre soluços, ao contar-lhe que se recusava a ouvi-la e que estava a começar a pensar que lhe armara uma cilada porque queria livrar-se dela, que estava convencida de que pagara àquele baboso para a levar para um quarto de hotel e, depois, espalhar a mentira de que fora para a cama com ela.

- Brooke, que surpresa! - exclamou. - Como é...?

- Escuta, Milly, preciso da tua ajuda - interrompeu Brooke. - Tens de te fazer passar por mim. Só por uns dias.

- Uns dias? - repetiu Milly, perturbada. Fizera-se passar por ela outras vezes, mas nunca mais do que algumas horas. - Como vou fazer isso? Embora sejamos parecidas, assim que abrir a boca, as pessoas vão perceber que não sou...

- Vais alojar-te num hotel de luxo no centro de Londres - replicou Brooke, com aspereza. - Não terás de falar com ninguém senão com o serviço de quartos. Não poderás sair da suíte.

Milly franziu o sobrolho.

- Mas... Quando dizes uns dias... De quantos dias estamos a falar? - inquiriu, nervosa.

- Cinco ou seis, mais nada.

- Cinco ou seis? Mas não posso faltar tantos dias ao trabalho... - murmurou Milly, num tom de desculpa. - Não quero perder o meu emprego.

- Por amor de Deus! És empregada de mesa, não neurocirurgiã! - recordou-lhe Brooke, com brusquidão. - Nesta época do ano, consegues encontrar emprego em qualquer lugar e, se precisares que volte a pagar-te a renda, posso fazê-lo.

Milly corou. Era verdade que conseguiria encontrar outro emprego com relativa facilidade e se Brooke a compensasse, pagando a renda do seu estúdio, dificilmente poderia negar-se. Ainda que, da última vez que não conseguira pagar a renda, tivesse acabado a dormir no sofá de uma amiga, era algo em que tentava não pensar. Era verdade que, dessa vez, Brooke se esquecera de lhe dar o dinheiro que prometera emprestar-lhe, mas a culpa era dela por não lho ter recordado porque tinha vergonha.

Milly preferiu não falar da diferença entre as finanças de ambas. Não a surpreendia que Brooke não quisesse que a vissem em público com ela e que nunca a convidasse para nenhum evento no seu mundo glamoroso, exceto para que

se fizesse passar por ela. Claro que... que outra coisa podia esperar?, questionou-se com tristeza. A verdade era que tinha sorte por Brooke ter acedido a relacionar-se com ela...

Brooke entrara em contacto com ela pouco depois de fazer dezoito anos, quando acabara de deixar a casa de acolhimento da câmara municipal em que fora criada depois da morte da mãe. Milly sempre soubera que era filha ilegítima, mas não que o pai tinha outra filha. De início, as palavras que Brooke usara para se referir à mãe tinham-na ofendido e chocado, mas, ao pôr-se no seu lugar, compreendera que se sentisse traída pelo pai e desculpara a sua forma de se expressar.

- A tua mãe foi a ordinária que quase destruiu o casamento dos meus pais! - exclamara, com aspereza, no dia em que se tinham conhecido.

Sendo justos, era verdade que a mãe, Natalia Taylor, uma modelo jovem, se tornara amante do empresário rico William Jackson, o pai de Milly, sabendo que era um homem casado e infligindo um sofrimento terrível à esposa e à filha dele.

No entanto, embora William tivesse ameaçado deixar a esposa, não chegara a fazê-lo porque um enfarte ceifara a sua vida. Brooke tinha quinze anos e ela, apenas nove. A mãe morrera apenas alguns anos depois, num acidente de viação, e ela fora enviada para o lar de acolhimento, onde ficara até se tornar maior de idade.

Ao conhecer-se, ambas se tinham surpreendido com a semelhança entre elas. Ambas tinham herdado o cabelo loiro e encaracolado e os olhos azuis do seu pai. No entanto, Milly nascera com a cana do nariz bastante pronunciada e, pelas suas feições, poderia dizer-se que era bonita, mas não uma beleza, como Brooke.

Fora ideia dela usá-la como sua dupla para evitar os eventos que eram aborrecidos ou, mais frequentemente, para confundir os *paparazzi* que seguiam os seus passos

como sabujos e que, algumas vezes, a fotografavam em lugares onde não queria que a vissem ou com pessoas com quem não queria que a vissem. Estava obcecada com controlar e moldar a imagem que se dava dela nos meios de comunicação social.

Fora por isso que chegara ao extremo de lhe dizer que, para poder fazer-se passar por ela, teria de «arranjar» o nariz para que se parecesse com o dela, que era muito mais elegante. Ao começo, recusara-se, não porque sentia um carinho especial pelo seu nariz imperfeito, mas simplesmente porque era o seu nariz e estava habituada aos seus defeitos.

Brooke ficara furiosa com a sua negativa e cortara todo o contacto com ela durante semanas, fazendo-a sentir-se mal. Quando voltara a ligar-lhe, um mês e meio depois, sentira-se tão aliviada que acabara por aceder a submeter-se a essa operação estética. Antes de poder mudar de opinião, Brooke levava-a a uma clínica privada para que lha fizessem.

Da primeira vez que se fizera passar por Brooke para que pudesse escapar-se de um evento de beneficência aborrecido, sentira uns nervos tremendos, apesar de estar vestida, penteada e maquilhada como ela. No entanto, ninguém suspeitara de nada e, pela primeira vez na sua vida, sentira-se como alguém importante. Além disso, Brooke mostrara-se tão agradecida com ela...

Da segunda vez, só tivera de sair de uma limusina e entrar numa loja enquanto Brooke estava noutro lugar a milhares de quilómetros. Descobrira que era divertido vestir roupa cara e fingir que era outra pessoa, sobretudo, quando não houvera muita diversão na sua vida até então.

Inquietava-a que, dessa vez, Brooke estivesse a pedir-lhe para se fazer passar por ela não por algumas horas, mas por vários dias. Porém, com a difícil situação por que Brooke estava a passar com a crise no seu casamento,

sabia que não podia negar-se. Faria o que pudesse para a ajudar.

- E onde estarás enquanto me alojo nesse hotel? - perguntou, com curiosidade.

- Vou tirar umas pequenas férias no estrangeiro, portanto, precisarei do teu passaporte para que os meios de comunicação social não descubram - explicou Brooke.

Milly franziu o sobrolho ao ouvi-la a falar do passaporte, mas, depois, esboçou um sorriso. Umas férias eram exatamente o que a pobre Brooke precisava nesse momento, com todo o *stress* e a tensão a que estava submetida. Ao fim e ao cabo, a única coisa que teria de fazer seria passar alguns dias numa suíte de um hotel. Seria egoísta da sua parte negar-lhe a sua ajuda.

- Está bem, posso fazê-lo.

- Só poderás levar uma mala de viagem pequena. Eu vou preparar uma mala com a minha roupa para que a uses nesses dias - informou Brooke. - Irei buscar-te e mudaremos de roupa no carro. E eu maquilho-te. Faço-o melhor do que tu.

Depois de combinarem a que horas iria buscá-la, Milly foi ao café onde trabalhava para dizer à dona que deixava o emprego, falando de uma urgência familiar. Odiava deixá-la dessa forma, avisando-a de que se ia embora com tão pouca antecedência, mas Brooke tinha razão: provavelmente, não lhe custaria encontrar outro emprego como empregada de mesa.

Voltou a casa, alisou o cabelo e, numa mala de viagem, pôs o seu passaporte, roupa interior, alguns livros e as suas agulhas de tricotar e umas meadas para se entreter nesses dias que passaria «fechada» no hotel.

Quando desceu para a rua, só estava a choviscar um pouco, mas abriu o guarda-chuva assim que saiu para que o cabelo não se molhasse. Brooke usava-o sempre perfeitamente liso.

Em instantes, apareceu uma limusina com os vidros fumados, que parou à frente dela. A porta traseira abriu-se e viu Brooke sentada lá dentro. Apressou-a, dizendo:

- Vá, entra! Não podem ver-nos juntas!

Milly apressou-se a entrar no carro e fechou a porta.

- Mas... e o motorista? - perguntou, quando se puseram a caminho.

Brooke carregou num botão e elevou-se um painel de vidro à frente delas, isolando-as da parte da frente do veículo. Depois, carregou noutro botão e o vidro escureceu.

- Pago-lhe bem para que mantenha a boca fechada - explicou, tirando o cinto. - E, agora, ajuda-me a tirar isto...

- resmungou, virando-se para apontar para o fecho que o seu vestido tinha nas costas. - Lembraste-te de trazer o teu passaporte?

- Sim, mas... não é ilegal viajares com o passaporte de outra pessoa? - murmurou Milly, incomodada, abrindo-lhe o fecho.

Brooke virou a cabeça e lançou-lhe um olhar furioso.

- Não tenho escolha. Se viajasse com o meu, os meios de comunicação social descobririam e acabariam por me seguir. Mas, se viajar com o teu, como tu não és ninguém, não haverá problema.

Milly sentiu-se magoada ao ouvi-la a dizer que não era ninguém, mas era a verdade, portanto, entregou-lhe o passaporte, contrariada, e ajudou-a a tirar o vestido.

- Meu Deus, deixo de te ver durante alguns meses e olha como te descuidas! Olha para essas mãos! - repreendeu-a Brooke, carrancuda, agarrando-lhe uma mão para ver as unhas mais de perto, mais curtas do que as dela e por pintar. - Eu tenho sempre as unhas perfeitas. Quando entrares no hotel e fores ao balcão da receção para ir buscar a chave da suíte, tenta escondê-las o mais possível e pede que te mandem uma esteticista para que te faça a manicura! - ordenou, impaciente.

- Lamento - murmurou Milly, enquanto também se despia, omitindo que não podia permitir-se, como Brooke, tratamentos de beleza semanais.

Brooke vestiu-lhe o vestido e soprou ao ver que ficava justo.

- Ganhaste peso outra vez? - perguntou, exasperada. - Sustém a respiração para que possa fechar o fecho.

Milly não era tão esbelta como Brooke, mas também não podia dizer-se que tivesse excesso de peso. De facto, desde a primeira vez que lhe pedira para se fazer passar por ela, esforçara-se por perder alguns quilos para caber melhor na sua roupa. E isso significara grandes sacrifícios, como evitar os seus desejos favoritos e controlar a sua paixão pelo chocolate.

Brooke tirou os sapatos e vestiu as calças de ganga e a camisola. Depois, prendeu o cabelo, pôs um boné e, da sua mala, tirou uns toalhetes e começou a desmaquilhar-se.

- Isto é quase como ser um espião - observou Milly, divertida.

- Não sejas infantil! - repreendeu-a Brooke, com impaciência. - Tens ideia de como esta viagem é importante para mim? Vou encontrar-me com alguém que talvez me consiga um papel num filme.

- Bom, para mim, isto é emocionante - confessou Milly, sobressaltada, franzindo o nariz. - Desculpa, é que imagino que passar vários dias isolada seja bastante aborrecido, portanto, para mim, esta é a parte divertida.

- Também precisarás dos meus anéis... e, por amor de Deus, não os percas! - avisou-a Brooke. - Talvez tenha de os vender - resmungou, enquanto os tirava para lhos dar. - Esse canalha do Lorenzo! Está cheio de dinheiro, mas insistiu que fizéssemos esse acordo pré-nupcial e não receberei nem um tostão senão o que me corresponde. Contudo, dentro de alguns anos, será apenas uma má lembrança. O meu próximo marido será um ícone da moda ou um ator, não um banqueiro!

Abatida pelo mau humor de Brooke, Milly pôs os seus anéis e calçou os seus sapatos.

- Achas que poderíamos... não sei, encontrar-nos uma tarde quando voltares? - perguntou, hesitante.

- Para quê? - inquiriu Brooke, com aspereza.

- Bom, não nos vemos há muito tempo - indicou Milly, pondo o cinto. - Tenho muita vontade de passar tempo contigo, mesmo que seja apenas para beber um café e conversar, e talvez te sentisses melhor se falasses de tudo o que te preocupa.

- Não é preciso, estou bem - replicou Brooke. Abriu o vidro que as separava do motorista e ordenou que acelerasse porque não queria perder o seu voo. - Quando descobri que o meu pai tinha tido outra filha, procurei-te porque sentia curiosidade e já está. Portei-me muito bem contigo: ensinei-te a ter um pouco mais de estilo, paguei-te essa operação estética... O que mais queres de mim? Também não esperarás que sejamos amigas, depois de a tua mãe ter ido para a cama com o meu pai. Sabias que a minha pobre mãe tentou suicidar-se quando descobriu que tinha sido traída?

Milly empalideceu ao ouvir isso e baixou a cabeça.

- Não sabes como lamento. Mas esperava que, com o tempo... bom, que pudéssemos deixar tudo isso para trás porque somos irmãs.

Brooke, que tirara o seu estojo de maquilhagem da mala, levantou-lhe o queixo para lhe pintar os lábios com o seu batom.

- Olha, nunca poderei esquecer que a tua mãe ia para a cama com o meu pai e eu não sou de ter amigas. As amigas abandonam-nos e falam de nós às escondidas.

- Mas eu nunca faria isso! - protestou Milly.

- Bom, até agora, não o fizeste, é verdade - concedeu Brooke, contrariada, enquanto continuava a maquilhá-la -, e foste muito útil, mas não temos nada em comum. Tu és pobre, não tens estudos e nem sequer falias bem se não

te tivesse mandado para essas aulas de dicção... Gostas de ler e de fazer croché. De que íamos falar? Em cinco minutos, estaria completamente aborrecida.

Milly empalideceu novamente e ficou tensa. Era uma idiota, deixando-se maltratar por Brooke daquela forma. Durante todo aquele tempo, ignorara a frieza de Brooke com ela, com a esperança de que a aceitasse como sua irmã e deixasse o passado para trás, superando a dor que a sua mãe e o pai de ambas lhe tinham causado. Porém, agora, percebia que Brooke continuava tão furiosa e ressentida com ela como quando se tinham conhecido.

Brooke guardou o seu estojo de maquilhagem e voltou a dizer ao motorista, num tom azedo, para acelerar. A chuva estava a cair com muita mais força e jorrava pelos vidros, dificultando a visibilidade.

- Está será a última vez que me faço passar por ti - declarou Milly, num tom fraco, mas firme. - De facto, para ser sincera, oxalá nunca o tivesse feito.

- Por amor de Deus! Tens de te zangar precisamente agora? - queixou-se Brooke, irada.

- Não estou a zangar-me e não tenciono abandonar-te - respondeu Milly, num tom fraco -, mas, quando isto acabar, não voltarei a fazer-me passar por ti.

Brooke esboçou um sorriso encantador e apertou-lhe a mão.

- Desculpa-me se perdi a cabeça, mas é que esta oportunidade surgiu de repente e estou muito enervada... - desculpou-se, melosa. - Olha, já não falta muito para chegar ao hotel. Lembra-te de que não deves falar mais do que o estritamente necessário com os empregados. Não converso com pessoas irrelevantes. Fica na suíte e faz com que te levem o pequeno-almoço, o almoço e o jantar. E não comas porcarias. Todos sabem que tenho uma alimentação muito saudável e, dentro de pouco tempo, tenciono pôr um vídeo no meu canal do YouTube com uns exercícios para nos mantermos em forma. Lembra-te: não deves deixar-te